

Uma análise do discurso dos conselhos de Cecaumenos ao Imperador Bizantino Miguel V Dukas (1071-1078) ¹

A Discourse Analysis of the Counsils of Cecaumenos to the Byzantine Emperor Michael V Dukas (1071-1078)

João Vicente de Medeiros Publio Dias ²

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo analisar a construção discursiva dos conselhos de Cecaumenos (1010? -1070?), um aristocrata militar bizantino, ao Imperador Miguel V Dukas (1071-1078), buscando encontrar o que autorizava o autor a dar conselhos ao Imperador, isto é, a alguém que, em vários sentidos, era muito superior hierarquicamente a ele. Levando em consideração alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso, como o da tipologia de discursos de Eni Orlandi, Dêixis Discursiva de Maingueneau e da Autoridade Discursiva de Bourdier, será analisada essa construção em busca de sua justificação.

Palavras-chave: Império Bizantino, Miguel V Dukas, Cecaumenos, Análise do Discurso.

Abstract

This work's intent is to analyze the discursive construction of the Councils of Cecaumenos (1010?-1070?), who was part of the byzantine military aristocracy, to the Emperor Michael V Dukas (1071-1078), seeking, in those councils, what authorized the author to advise someone much more superior in the hierarchy, in many senses, than him. Taking account some theoretical ideas of the Discourse Analysis, as the Eni Orlandi's Discourse Typology, Mangueneau's Discursive Deixis and Boudier's Discursive Authority, it will be analysed this construction searching its justification.

Key-words: Byzantine Empire, Michael V Dukas, Cecaumenos, Discourse Analysis.

¹ Esse artigo foi o resultado do trabalho entregue à matéria “Estudos Avançados em História 2” do programa de Pós-Graduação em História da UFPR, ministrada pelo Prof. Dr. Euclides Marchi.

² Graduado em História pela UFPR e atualmente aluno de mestrado em História nessa mesma instituição. Orientado por Marcella Lopes Guimarães. (joaov.dias@gmail.com)

2. Trabalho:

2.1. Do Problema Discursivo: O Paradoxo de Cecaumenos.

Nicolau Maquiavel (1469-1527), ao escrever sua obra-prima, “O Príncipe”, encontra-se numa problemática discursiva. Como ele, uma pessoa que proveio de um círculo social menos prestigiado, pode ter a pretensão de escrever um livro que aspire dar lições para reis e príncipes? Para contornar esse paradoxo, Maquiavel escreve no prefácio dessa obra:

Tampouco deve ser julgada a pretensão de um homem de condição social humilde e ínfima o ato de discorrer e estabelecer regras acerca do governo dos príncipes; pois, assim como aqueles que traçam os contornos dos países põem-se nas planícies, e para examinar as planícies vão ao topo delas, assim também para conhecer a natureza dos povos é mister ser príncipe e para conhecer a dos príncipes é mister ser povo.³

Essa é uma construção discursiva interessante que resolveu uma situação difícil, presente nesse tipo de literatura, os “espelhos de príncipe”. Acharmos outro exemplo em um trecho de *Strategikon* de Cecaumenos⁴, do século XI, que é um livro de conselhos a seus filhos. Conselhos esses concernentes aos aspectos públicos e privados da vida de um aristocrata bizantino daquele século. Apesar de o livro ser direcionado explicitamente aos filhos do autor e implicitamente à aristocracia bizantina no geral, um dos capítulos tem um direcionamento diferente do resto da obra, pois contém os conselhos ao imperador bizantino. Tanto que Juan Carlos Cordoñer, tradutor da obra, considera, seguindo as opiniões de outros autores, os “Conselhos ao Imperador” como uma obra à parte do *Strategikon*.⁵ Assim, observamos que Cecaumenos enfrentou o mesmo problema discursivo que Maquiavel irá enfrentar quase meio milênio depois: Como e sob qual autoridade, ele, mesmo sendo um aristocrata, pode aconselhar seu soberano?

Observamos que essa é uma problemática passível de ser trabalhada pela Análise do Discurso (AD). Dessa forma, partimos das reflexões de Eni Orlandi sobre o discurso

³ MAQUIAVEL, Nicolo. **O Príncipe**. Tradução de Olívia Bauduh. São Paulo: Nova Cultural. 1999. p.36

⁴ CECAUMENO. *Strategikon: Consejos de un Aristócrata Bizantino*. Introdução, tradução e notas de Juan Signes Cordoñer. Madri: Alianza Editorial. 2000

⁵ Vide “**Introducción**” in: CECAUMENO. *Strategikon*. Op.cit.

religioso.⁶ Ela afirma que dentro da tipologia de discursos proposta, o religioso é um tipo autoritário onde a relação entre enunciador, Deus, através do sacerdote, e enunciatário, o fiel, é absolutamente assimétrica. O último nunca poderá tomar o lugar do outro, pelo simples fato de que o homem mortal nunca poderá atingir o nível de Deus. Nessa posição discursiva, é fácil entender a natureza autoritária. Porém, antes de prosseguir, caracterizemos o que a autora entende por “Discurso Autoritário”:

Discurso Autoritário: é aquele que a reversibilidade tende a zero, estando o objeto do discurso oculto pelo dizer, havendo um agente exclusivo do discurso e a polissemia contida. O exagero é a ordem no sentido militar, isto é, assujeitamento ao comando.⁷

Outras características desse tipo de discurso apontadas mais à frente por Orlandi são as características sintáticas dele. Como orações construídas no vocativo ou imperativo, a exemplo, retornando ao discurso religioso, os mandamentos enviados a Moisés: “Não Matarás”. Assim compreendemos a assimetria hierárquica do discurso religioso (Deus → Humanidade).

Entretanto, os conselhos de Cecaumenos ao Imperador Bizantino se apresentam de uma forma inversa. O enunciador é, em posição social, hierarquicamente inferior ao enunciatário. No entanto, podemos caracterizá-lo como autoritário, pois segue o padrão tipológico discursivo proposto por Eni Orlandi. Apesar da reverência do locutor – Cecaumenos – dedicada ao destinatário – o Imperador – observa-se a nula reversibilidade, uma vez que o discurso não exige respostas, nem dá espaço a contestações. Sendo assim, a voz imperativa nos escritos é predominante: “*Fíjate pues y que tu mirada se pose en todos por igual (...)*”⁸, “*No prestes atención a los que levantan falsas acusaciones (...)*”⁹, “*Preocúpate sobretudo de los soldados.*”¹⁰, entre outros muitos e seguidos exemplos.

⁶ ORLANDI, Eni Pulcinnelli. **A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Sem local: Brasiliense. 1983. pp.214-237.

⁷ Ibidem. p.142

⁸ CECAUMENOS. XV.2.

⁹ CECAUMENOS. XV.3.

¹⁰ CECAUMENOS. XV.7.

Dessa forma podemos reformular, sob a ótica da Análise do Discurso (AD), a pergunta feita acima: como um enunciador pode construir um discurso do tipo autoritário dirigido a um enunciatário hierarquicamente muito superior a ele?

2.2. Da Dêixis Discursiva. Cecaumenos, o binômio Imperador-Império e sua Topografia

Para auxiliar na elucidação desse aparente paradoxo, é necessário fazer uma análise externa do discurso, e para isso a Dêixis Discursiva proposta por Maingueneau será de grande auxílio.¹¹ Segundo esse autor,

O que chamamos **dêixis discursiva** possui a mesma função, mas manifesta-se em um nível diferente: o do universo de sentido que uma formação discursiva constrói através de sua enunciação. (...) Distinguir-se-á nesta dêixis o **locutor** e o **destinatário discursivos**, a **cronografia** e a **topografia**”¹²

Podemos dizer então que a dêixis discursiva é o contexto em que o discurso foi feito e esse contexto constrói o sentido do discurso, assim como sua legitimidade. Nessa direção, iremos esmiuçar a dêixis discursiva dos conselhos de Cecaumenos ao Imperador. Em primeiro lugar, observamos o locutor do discurso, que apenas é identificado pelo sobrenome Cecaumenos. Não há certezas em relação à sua identidade. Já se tentou ligar o autor a um general proeminente e de grande importância política no Império Bizantino do século XI: Catacalon Cecaumenos. Porém, certas incongruências entre a biografia conhecida dessa figura e as informações expressas no próprio texto do *Strategikon* enfraquecem essa teoria. No entanto essa questão não está ainda fechada, pois o autor Cecaumenos pode ser ligado em grau próximo de parentesco ao famoso General Cecaumenos. De uma forma geral, algumas coisas podem ser ditas sobre a identidade, pelo menos social, de Cecaumenos. Primeiro, observamos, pelos valores e idéias expressas no texto, que ele foi parte da poderosa aristocracia rural e militar bizantina, que cresceu em poder e influência a partir do século IX, como resultado da reestruturação da organização territorial e da política fiscal e militar que o Império fez a partir de aproximadamente 630 d.C. Nessa reorganização, o comando e a mobilização dos soldados se

¹¹ MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes. 1989. pp.29-50.

¹² **Ibidem** p.41.

descentralizaram para as províncias, chamadas de *themas*, com o objetivo de tornar a defesa do Império mais efetiva. Nos *themas* a autoridade suprema era o *Strategos*, “general” em grego. Cada *thema* devia sustentar um exército próprio, formado por um sistema que lembra bastante os antigos *limitanei* tardo-romanos, pequenos proprietários rurais que, em troca de isenções fiscais e pagamento anual, deviam fornecer pelo menos um soldado a esses exércitos provinciais. Tal sistema era chamado de *strateia* e foi a pedra-angular da estabilidade do Império a partir do século IX.¹³ Essa reorganização foi tão efetiva que permitiu que Bizâncio, a partir do fim do século IX, tomasse a ofensiva e, ao final do século X, duplicasse em extensão territorial.¹⁴

Contudo houve outras conseqüências causadas por essa reorganização do Império: a descentralização do comando militar para as províncias fez com que as elites locais, formadas por grandes proprietários de terra, conseguissem angariar grande poder. Cada vez mais tais elites provinciais se identificavam com o ofício das armas e, por seu dinheiro e influência, tomavam para si os mais altos postos da hierarquia militar. As conquistas militares e expansão territorial tornaram esses aristocratas ainda mais ricos, pois ficavam com grande parte do botim e terras, e influentes, pois os Imperadores em Constantinopla necessitavam desses experientes generais aristocratas para as campanhas.

Assim, no século X, a política passa a ser fortemente controlada por famílias dessa elite. Contudo, até o início do século XI, somente alguns membros dessa aristocracia conseguiram tomar o poder, e apenas como protetores da dinastia reinante: os Macedônios (867-1056). A razão disso foi que a dinastia estava muito bem legitimada e os imperadores dinásticos sabiam utilizar as rivalidades internas entre as linhagens aristocráticas para enfraquecer o poder delas e, conseqüentemente, fortalecer a sua posição.¹⁵

¹³ Sobre a criação do sistema de *themas* vide HALDON, John. **Warfare, State and Society in the Byzantine World: 565-1204**. Londres: Routledge. 1999.. pp.67-85 & NICOLLE, David. **Romano-Byzantine Armies 4th-9th Centuries**. Londres: Osprey. 1992. pp.13-17

¹⁴ Para observar a extensão territorial do Império Bizantino e organização espacial dos *Themas* vide Apêndice I.

¹⁵ Sobre a relação entre sociedade e guerra, e dentro dela o papel da aristocracia provincial militar bizantina vide HALDON, John. Op. Cit pp. 234-274. E para mais detalhes sobre a História da Dinastia Macedônia vide TREADGOLD. Warren. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford,

É nesse estrato social que encontramos Cecaumenos, nosso enunciatador, que, seguindo os padrões de sua posição social, seguiu uma carreira militar. Esta deve ter-se iniciado na década de 1030, pois participou de uma campanha militar contra a revolta do líder búlgaro Pedro Delian em 1041.¹⁶ Cecaumenos posteriormente esteve em Constantinopla na revolta popular que destituiu Miguel V, em 1042,¹⁷ e ocupou um cargo, não sabemos quando, provavelmente de governador na *Thema* da Tessália.¹⁸ Da mesma forma podemos saber a época aproximada em que ele escreveu o *Strategikon*, pois menciona o Imperador Miguel VII (1071-1078) como sendo o ocupante atual do trono imperial.¹⁹ Portanto, se levarmos em consideração que a experiência bélica do autor na Bulgária tenha sido em 1041, mesmo que ainda fosse muito jovem, digamos aos 20 anos, ele deveria ter no mínimo 50 anos, mas provavelmente mais, quando escreveu esta obra. Então consideramos o autor sendo um homem de idade avançada, se levar em consideração a baixa expectativa de vida em sociedades pré-industriais. O que será bastante importante ao discutirmos o que o autorizava ao elaborar tal discurso.

Assim passamos a identificar o outro extremo da nossa dêixis discursiva: o Imperador Miguel VII (1071-1078). Antes de tudo, devemos frisar que, no caso do Império Bizantino, é impossível dissociar a pessoa de um imperador da época de seu reinado. Portanto, nesse caso, os elementos dêixis “destinatário” e “cronografia” irão se confundir. Não que o poder imperial fosse personalista à semelhança dos “caudilhos” latino-americanos, mas sim que a vida do Imperador era extremamente intrincada com os ritos palacianos e o dia-a-dia do governo do Império. Assim, Cecaumenos desenhou uma imagem muito positiva de Miguel VII, como sendo “bondoso”, “piedoso” e augusto. No entanto, essa imagem pode ser uma interdição política na obra de Cecaumenos, pois não coincide com a imagem que a historiografia bizantina e posterior nos lega desse imperador e seu reinado, considerado, por opinião geral, um desastre.

California: Stanford University Press. 1997. pp.446-536. & PATLAGEAN,E. et al. Historia de Bizâncio. Tradução de Rafael Santamaria. Barcelona: Crítica. 2001. pp.114-181.

¹⁶ CECAUMENOS. XV.8.v

¹⁷ CECAUMENOS. XI.26, XV.11-14

¹⁸ CECAUMENOS. XI.30.

¹⁹ CECAUMENOS. XII.1.x.

Em 1025 morre o Imperador representante da Dinastia Macedônia, Basílio II, sucedido por seu irmão, Constantino VIII (1025-1028), já idoso e afastado do poder até então, e pelas filhas desse, Zoe (1042) e Teodora (1055-1056), ambas sem filhos e velhas demais para tê-los.²⁰ Assim, devido à fragilidade da posição em que agora se encontrava a Dinastia, os membros de outra elite, não militar e sim civil, cercaram os membros restantes da dinastia, ganharam grande influência sobre eles e foram de fato os que governaram o Império durante o segundo e terceiro quarto do século XI. Da morte de Basílio II, em 1025, até o reinado de Miguel VII, iniciado em 1071, foram 11 imperadores e imperatrizes que ascenderam ao trono, e, com duas exceções – Isaac Comneno (1057-1059) e Romano IV Diógenes (1068-1071) –, todos tinham sua base de poder nessa aristocracia civil.²¹ Ao contrário da aristocracia militar anteriormente citada, essa elite civil tinha origem urbana. Provinha de Constantinopla ou de qualquer outra grande cidade do Império. Em sua maioria, seus membros eram originados de estratos mais populares e galgaram grau a grau posições dentro da administração e burocracia civil bizantina, o que não impedia a existência de verdadeiras “dinastias burocráticas”. Além disso, apesar de não ser um requisito da administração imperial, diferenciavam-se pela formação acadêmica de alto padrão. Por isso, observamos dentro desse estrato inúmeros filósofos, hagiógrafos, teólogos, historiógrafos, etc.²² Apesar do refinamento da educação dessa elite civil, sua influência política no período foi extremamente danosa para o Império, já que decidiram enfraquecer seus adversários diretos, a aristocracia rural, a partir de sua base, desmontando o sistema de mobilização dos *themas*.

Essa desmobilização de soldados iniciou-se um pouco antes disso, mas suas razões foram práticas. A expansão territorial que marcou o século X fez com que alguns dos *Themas* mais distantes da fronteira expandida ficassem seguros de ataques estrangeiros e o resultado disso foi que os soldados desses distritos ficaram tanto tempo inativos que perderam sua prática. Assim se tornaram inúteis e caros, pois ainda tinham que receber o pago. A solução do governo imperial a esse problema foi retirá-los do sistema de *strateia*, e assim esses soldados começaram a pagar impostos no lugar do serviço militar. No entanto, o esquema se manteve no que se referia aos

²⁰ Sobre a seqüência de reinados de Imperadores e Imperatrizes Bizantinos vide Apêndice II.

²¹ Sobre esse período vide TREADGOLD, Warren. **Op.cit.** pp.583-611.

²² KAZHDAN, A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. **Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries.** Berkeley: University of California Press. 1985. pp.65-67.

themas mais fronteiriços, onde se encontrava a maioria dos soldados, assim como os mais experientes. A manutenção dessa organização foi o que manteve o Império Bizantino seguro após a morte de Basílio II, em 1025, apesar da instabilidade política que esse período sofreu. Embora essa situação vá mudar no reinado de Constantino IX Monomaco (1042-1055), esse imperador dispensou, mais por motivos econômicos do que políticos ou militares, todos os soldados do *thema* fronteiriço dos armênios, uma das mais numerosas e experientes forças de todo o exército de Bizâncio, substituindo-os por tropas mercenárias estrangeiras e protetorados fronteiriços.²³ No fim, essa iniciativa se tornou catastrófica, pois o controle sobre os mercenários era tênue, assim como sua fidelidade, e o mesmo aconteceu com os protetorados. O resultado foi que o território imperial se abriu para invasões e os turcos sedjulgidas, os novos “protetores” do Califado Abássida, se aproveitaram disso, resultando assim na famosa derrota bizantina para os turcos em Manzikert, na Armênia, em 1071, na qual o que restava do exército bizantino foi destruído e dispersado. Assim sendo, o território imperial foi rapidamente ocupado por hordas turcas, com exceção das principais cidades, onde os governadores locais, com suas tropas, achavam-se fortes o suficiente para aspirarem ao trono imperial, em contraste com um governo decapitado, pois o Imperador Romano IV Diógenes havia sido capturado em batalha. É nesse contexto caótico, pós-derrota, que o enunciário imperial de Cecaumenos sobe ao poder.

De uma forma geral, podemos dizer que Miguel VII não era o tipo de governante que o Império necessitava nessa hora crítica. Originário de uma família provinda da aristocracia militar, os *Dukas*, foi posto no poder por seu tio João Dukas, que foi quem realmente governou o Império em seu reinado. Seu curto reinado de sete anos foi uma constante luta contra vários focos de rebeliões e revoltas criadas por outras linhagens da mesma origem que ele, enquanto os turcos sedjulgidas entravam mais e mais na parte asiática do Império. No fim, em 1078, Miguel VII foi deposto pelo general Nicéforo Botaneiates, com apoio do que havia restado das tropas provinciais do *Thema* dos *Anatolikon*, e enviado para um monastério²⁴.

²³ TREADGOLD, Warren. **Op.cit.** pp.595-596.

²⁴ TREADGOLD, Warren. **Op.cit.** pp 604-607.

Já o último elemento de nossa dêixis discursiva, a topografia, é a mais complicada, pois o autor não faz referência de onde, ou em que circunstância, escreve. É lugar-comum na historiografia dizer que Cecaumenos escreve seus conselhos em um retiro voluntário em suas propriedades rurais em alguma província bizantina. Porém, em uma análise mais profunda de seus escritos, pode-se observar que o autor dá uma importância prioritária à questão da Justiça. Só nos escritos dirigidos ao Imperador, ele trata da justiça em três dos 15 conselhos.²⁵ Da mesma forma, Cecaumenos reforça para seus filhos, em seus conselhos, sobre como se deve agir em uma rebelião; afirma que sempre se deve ser fiel ao Imperador, mesmo que, para isso, às vezes seja necessário se envolver em conspiração contra o soberano. Assim, se levarmos esses dois pontos em consideração e mais a conjuntura de profunda crise política do Império durante o período de sua vida, podemos lançar a suposição de que Cecaumenos escreveu seus conselhos em um cárcere doméstico por ter sido acusado – injustamente, em seu ponto de vista – de traição ao Imperador.

2.3. Da Autoridade Discursiva de Cecaumenos.

Dessa forma, levando em conta todas essas considerações sobre o contexto discursivo no qual Cecaumenos escreveu, podemos começar a entender as situações que propiciavam ou legitimavam a emissão desse discurso. Para isso será interessante levar em consideração a questão da “autoridade discursiva” discutida por Pierre Bourdier. Ele argumenta que um discurso, para ter legitimidade, precisa respeitar alguns fatores, como ser enunciado por alguém legitimado para alguém e em um lugar legítimo. Para exemplificar isso, Bourdier dá o exemplo da Igreja Católica depois do Concílio Vaticano Segundo, realizado entre 1962 e 1964, que cria uma crise discursiva dentro na Igreja. Bourdier argumenta que a perda de fiéis (ou enunciatários) que a Igreja sofreu foi resultado de uma mudança no ritual católico implementado pelo Concílio, que tinha como objetivo “modernizar” a Igreja. A consequência disso foi que os enunciatários não mais reconheciam os símbolos utilizados no rito, como guitarras elétricas e uso da língua comum, e sentiam falta de outros que haviam sido retirados, como a língua latina. Assim, Bourdier aponta que a

²⁵ CECAUMENO. XV. 1,3 e 12.

legitimação do enunciatório depende de sua representação, isto é, uma instituição a qual o locutor representa.²⁶

Dessa forma, Cecaumenos se lança como um enunciatório legítimo ancorado em algumas assertivas. Ele, já no início dos conselhos, afirma que o poder do Imperador é limitado pelas Leis²⁷, retomando um interdiscurso que veio desde a Roma Antiga. Com o fim da República e a criação do Império, inicia-se uma série de discussões que tinham como objetivo ver até onde ia o poder imperial. Mas é no reinado de Justiniano I (527-565), com sua reforma jurídica do *Corpus Juris Civiles*, que os limites legais do poder imperial tomarão uma forma básica que será mantida por toda a história do Império Bizantino. Esse interdiscurso, isto é, a existência de outros tratados sobre a natureza do poder imperial, também legitima o discurso de Cecaumenos, mas não só ele cumpre esse papel.

Aqui é interessante apontar a tradição bizantina de literatura de teor didático. Basicamente, em Bizâncio, havia dois *topoi*, isto é, modelos ou idéias de condutas: o do homem-santo, expresso nas hagiografias, e do imperador, expresso muitas vezes indiretamente, por exemplos e anti-exemplos em vários estilos de literaturas. Desde livros de conselhos como o de Cecaumenos até obras de caráter historiográfico como a *Alexiada* de Anna Comnena. Durante o século X, o modelo de conduta imperial estava ligado a Basílio I Macedônio (867-886) fundador da Dinastia Macedônia. Camponês de origem armênia que se infiltrou na corte imperial, ascendeu rapidamente e por fim matou o imperador precedente para ascender ao trono.²⁸ O *topos* imperial bizantino nesse momento se ligava mais a um ideal cristão de virtudes, como a caridade, inteligência, filantropia, castidade, etc, porém ao final do século XI o modelo imperial começa a mudar. Com a já citada ascensão política dessa aristocracia imperial, o Imperador não é mais idealizado como o 13º Apóstolo e sim com virtudes aristocrática, principalmente bravura, habilidades guerreiras e nobreza de sangue.²⁹

²⁶ BOURDIER, Pierre. **Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar e Dizer**. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: USP. 1996. pp. 81-96.

²⁷ CECAUMENOS. XV, 1.

²⁸ KAHZDAN & EPSTEIN. *Op. Cit.* p.206.

²⁹ **Ibidem**. p.110-115.

Voltando aos conselhos de Cecaumenos, observamos que, apesar de ele ter escrito nesse momento de mudança do ideal imperial, sua imagem de imperador-modelo está mais ligada à imagem anterior, a do Imperador 13º Apóstolo. Vê-se assim que esse interdiscurso também legitima o discurso de Cecaumenos. Mas não só ele. A já analisada dêixis discursiva de Cecaumenos tem um papel bastante importante. A sua própria experiência de vida ³⁰, a de seus familiares, como seu avô Niculitzas ³¹, e principalmente a de seu estrato social – a aristocracia militar – o legitima. Aqui podemos observar as afirmações sobre “representação” de Bourdier, pois Cecaumenos está instituído de autoridade discursiva em função de seu grupo social. Ele valoriza sua origem em oposição à aristocracia civil, a qual o autor chama de “políticos” ³², e aos estrangeiros, sobre quem o autor aconselha várias precauções, como a limitação de dignidades dadas. ³³ Ele cita esses anti-exemplos em oposição aos soldados nativos e aos exércitos que eram, segundo Cecaumenos, “*la gloria del Emperador y el poder del palacio*”. ³⁴ Também é reconhecido, não muito abertamente pelo autor, o fato de que as instituições militares estavam sendo abandonadas e o resultado que isso estava acarretando para o Império. Dessa forma compreendemos a argumentação do autor aconselhando que o imperador se lembre dos soldados ao distribuir dignidades ³⁵; que não deixe de pagar o soldo ³⁶ nem de abrir mão do serviço deles em troca de dinheiro. ³⁷

Por outro lado, a instabilidade política, a fragmentação territorial e a total ausência de legitimidade política por parte dos Imperadores desse período fragilizavam a própria instituição do poder imperial bizantino, criando assim subgrupos dentro das elites que se revoltavam contra o Imperador reinante e escolhiam um dentre eles para ser o pretendente ao trono. Mesmo que alguns desses subgrupos conseguissem ascender no trono, sua posição era frágil, já que sua base de apoio era muito pequena e, conseqüentemente, dava espaço para outros candidatos e seus subgrupos políticos pretenderem o cargo imperial. Círculo vicioso esse que será somente rompido com a ascensão do aristocrata militar Aleixo Comneno ao trono imperial em 1081. Aleixo

³⁰ CECAUMENOS. XV, 8, v.

³¹ CECAUMENOS. XV, 8, iii.

³² CECAUMENOS. XV, 5.

³³ CECAUMENOS. XV, 8,i-v.

³⁴ CECAUMENOS. XV, 16.

³⁵ CECAUMENOS. XV, 7.

³⁶ CECAUMENOS. XV, 9.

³⁷ CECAUMENOS. XV, 17,i.

Comneno conquista uma legitimidade maior que seus antecessores, pois cria uma aliança política com outras famílias de mesma origem, como os *Dukas* e *Paleologos*. Essa união vai ser gradativamente expandida graças a alianças matrimoniais com outras linhagens aristocráticas, assim como com a reserva dos principais postos de alto escalão do governo para as famílias dessa origem.³⁸ Dessa forma a fragilidade política e o desnorreamento que se achava o Império Bizantino, fazem do imperador, não só a pessoa que ocupava o trono e sim a instituição, ao mesmo tempo um enunciatário e um meio legítimo para o discurso de Cecaumenos.

2.4. Conclusões

Dessa forma os elementos apontados – o interdiscurso utilizado por Cecaumeno sobre a limitação do poder imperial pela lei, sua experiência pessoal e social, em conjunto a fragilidade do poder imperial e da sociedade bizantina – legitimam o discurso desse autor e superam o problema discursivo de emitir conselhos, em um discurso de tipo autoritário, a um enunciatário superior hierarquicamente. O que nos remete à situação de Maquiavel, pois a Itália que ele viveu era da mesma forma instável politicamente. Assim poderíamos propor que o aparecimento de “espelhos de príncipe” é uma reação discursiva de sociedades, como Bizâncio do fim do século XI e a Península Itálica do século XVI que, ao mesmo tempo em que vivia um caos político, tinham um grupo suficientemente ilustrado e próximo ao poder para estar ciente dos problemas de seu mundo e assim tentar propor soluções.

3. Documento analisado:

CECAUMENO. *Strategikon: Consejos de un Aristócrata Bizantino*. Introdução, tradução e notas de Juan Signes Cordoñer. Madri: Alianza Editorial. 2000. pgs. 124-138

4. Referências

BOURDIER, Pierre. *Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar e Dizer*. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: USP. 1996.

³⁸ KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. **Op. cit.** pp. 69-73.

MAQUIAVEL, Nicolo. *O Príncipe*. Tradução de Olívia Bauduh. São Paulo: Nova Cultural. 1999

HALDON, John. *Warfare, State and Society in the Byzantine World: 565-1204*. Londres: Routledge. 1999.

KAZHDAN. A. P. & EPSTEIN, Ann Wharton. *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Berkeley: University of California Press. 1985.

MAINGUENEAU. Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes. 1989.

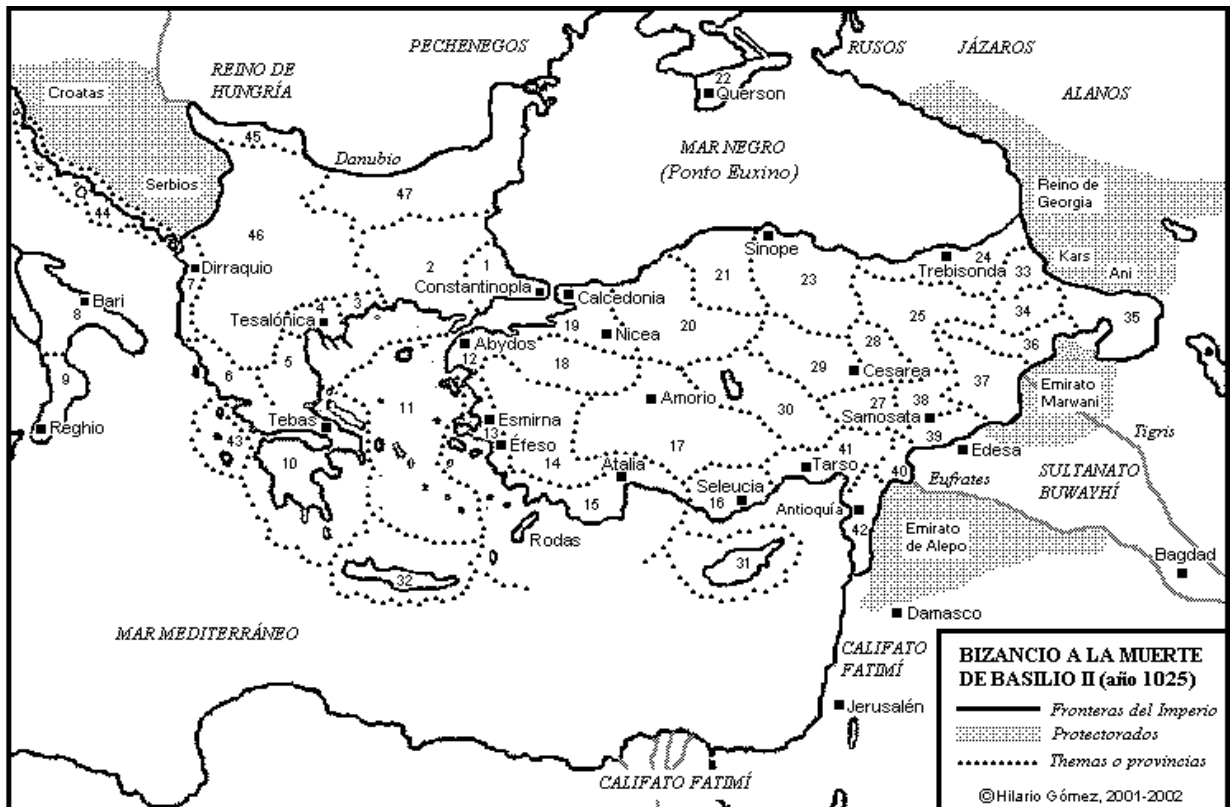
NICOLLE, David. *Romano-Byzantine Armies 4th-9th Centuries*. Londres: Osprey. 1992.

ORLANDI, Eni Pulcinnelli. *A Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Sem local: Brasiliense. 1983

PATLAGEAN,E. et al. *Historia de Bizâncio*. Tradução de Rafael Santamaria. Barcelona: Crítica. 2001.

TREADGOLD. Warren. *A History of the Byzantine State and Society*. Stanford, California: Stanford University Press. 1997

5. Apêndice I: Mapa do Império Bizantino em 1025



1. Tracia 2. Macedonia 3. Strymon 4. Tesalónica 5. Hélade 6. Nicópolis 7. Dirraquium 8. Longobardia 9. Calabria
10. Peloponeso 11. Archipiélago 12. Abydos 13. Samos 14. Tracesios 15. Kibyrrhoetes 16. Seleucia 17. Anatólicos
18. Opsikion 19. Optimates 20. Bukelianos 21. Paflagonia 22. Querson 23. Armeniakos 24. Caldia 25. Colonea
26. Mesopotamia 27. Licandos 28. Sebastea 29. Carsianos 30. Capadocia 31. Chipre 32. Creta 33. Teodosiopolis
34. Iberia 35. Vasparukán 36. Taron 37. Mesopotamia 38. Melitene 39. Poleis Parephratiadaí 40. Teluc 41. Cilicia
42. Antioquia 43. Cefalonia 44. Dalmacia 45. Sirmio 46. Bulgaria 47. Paristrion

Apêndice II: Lista de Imperadores Bizantinos do Século XI.

Basílio II Bulgaróctono ("o Matador de Búlgaros"), 976 – 1025.

Constantino VIII, 1025 – 1028.

Zoé, 1028 – 1050.

Romano III Argiro, 1028 - 1034, primeiro marido de Zoé.

Miguel IV, o Paflagónio, 1034 - 1041, segundo marido de Zoé.

Miguel V, o Calafate, 1041 – 1042.

Teodora co-imperatriz com Zoé, 1042.

Constantino IX Monómaco. 1042 – 1055.

Teodora, 1055 - 1056. restaurada.

Miguel VI Estratiótico, 1056 – 1057.

Isaac I Comneno, 1057 – 1059.

Constantino X Ducas, 1059 – 1067.

Romano IV Diógenes, 1067 – 1071.

Miguel VII Ducas, 1071 – 1078.

Nicéforo III Botaneiates, 1078 – 1081.

Aleixo I Comneno, 1081 – 1118.